

MEMÓRIA E IDENTIDADE: A NARRATIVA ORAL DA VILA DE ITATINGA (BERTIOGA-SÃO PAULO)

Elaine Nehme⁴⁸⁶Cristina Schmidt⁴⁸⁷

RESUMO: O presente artigo se debruça sobre a narrativa da Professora Cleide Negreiros, a última docente da “Vila de Itatinga” contratada pela Companhia Docas do Estado de São Paulo – CODESP. Por meio da sua narrativa é destacada os aspectos simbólicos praticados entre a escola e a vida das pessoas que ali residiam. A estratégia da pesquisa desenvolvida fora revisão bibliográfica relacionando questões sobre memória, patrimônio cultural material e imaterial e identidade. Por meio da pesquisa participativa e do método da história oral, fora realizada a captação da narrativa, numa tentativa de preencher as lacunas de um passado que só pode ser conhecido pela memória. Espera-se que, a partir desses registros outras vozes possam ser ouvidas e registradas para a compor um inventário desse patrimônio imaterial que o tempo está apagando.

Palavras-chave: Memória; Patrimônio cultural material e imaterial; Identidade

1 Introdução

Nunca se imaginou o quanto era importante as conversas que as mulheres da Vila de Itatinga realizavam quando terminavam de varrer as calçadas de pedras em frente de suas casas, significava que haviam terminado seus afazeres e que o dia chegara ao fim.

Naquele espaço de tempo conversavam sobre o comportamento dos seus filhos e como estavam na escola, trocavam receitas de bolos e mostravam seus bordados e tricôs. Algumas vezes compartilhavam algumas dores e mágoas, mas o tom da fala ficava mais baixo quando crianças e maridos se aproximavam, de tal modo que não era permitido escutar o que falavam.

Sempre gostei de ouvir⁴⁸⁸, conforme falavam minha mente reproduzia o cenário. Os personagens algumas vezes me indignavam, mas para as crianças não era permitido qualquer manifestação, apenas o olhar já era suficiente. Muitas vezes, nem ouvir era permitido. Por isso, talvez, hoje tenha dificuldade em registrar essas histórias e expressar no papel a grandeza daqueles momentos vividos coletivamente. Além do que, corro o risco de trazer um viés emocional pessoal ao relatar, no presente, muitas ocorrências vividas na infância.

⁴⁸⁶ Mestre em Políticas Públicas pela Universidade de Mogi das Cruzes – UMC – Brasil – Especialista em Organização de Terceiro Setor e Responsabilidade Social (UNIP-SP), Psicopedagoga (FABE-SP) e Ética, Valores e Cidadania (USP-SP). Gestão Pública (UNESP) Graduada em Custos, Planejamento e Análise Financeira e Bacharel em Administração de Empresas (UMC-SP), e-mail: elainenehme@uol.com.br.

⁴⁸⁷ Pós-doutora em Comunicação e Desenvolvimento Regional pela UMESp. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC – SP); Mestre em Comunicação e jornalista pela Universidade Metodista-SP; Diretora Científica da Rede Folkcom; e-mail: cris_schmidt@uol.com.br.

⁴⁸⁸ O texto está na primeira pessoa pelo fato da pesquisadora Elaine ter sua história de vida na Vila de Itatinga.

O tempo é o Senhor das nossas vidas, com ele o futuro é inevitável e o presente já se tornou passado, assim esclarece Mia Couto (1999) “ter raiz parece ser condição para estarmos vivos, termos histórias e não perdermos ligação com o passado. Só tendo raiz somos de um lugar e de um tempo”.

Como é difícil contar essas histórias, principalmente quando nos deparamos com o pensamento de Velho (1986): “sempre existe risco quando um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, valores, gestos, concepções”, porém Ecléa Bosi (2003) sugere que permitamos “a viajar nas narrativas do outro, respeitando seus silêncios e valorizando as rupturas. As falas emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade”. Assim me aventuro percorrer esse caminho que não o escolhi, mas escolheram por mim.

Escrever, narrar essas histórias é um grande desafio, principalmente descrever o período em que a Professora Cleide Negreiros lecionou na Vila de Itatinga. Na última vez que nos falamos pelo telefone, ocasião do meu natalício, a professora solicitou que eu registrasse esse período de sua vida. Mais surpreendida fiquei quando recebi, pelo correio, uma carta escrita por ela em que relata seu percurso como professora na Vila de Itatinga. Ela expõe no manuscrito os fatos que ela vivenciou desde o início de suas visitas à pequena Vila até o período em que obteve sua aposentadoria.

Como poderia expressar as experiências da vida da protagonista, costurar uma narrativa da sua vida transmitindo a relação afetiva, cognitiva e religiosa da professora que vira as jovens esposas dos trabalhadores da Vila de Itatinga grávidas e de repente a criança já mostrava os exercícios que lhe passava? E como narrar essa história em que sou também parte do processo, de modo que eu mantenha o distanciamento necessário a uma pesquisadora, não me envolvendo mantendo os parâmetros metodológicos para que o estudo seja o mais objetivo possível? Ao trazer esse constructo de vidas em que somos participantes, é impossível se excluir, pois como explica Valter Benjamin (1989) escrever essa narrativa com uma “voz poética” e afetiva, é capaz de cortar o silêncio e tornar conhecida as facetas e os espaços obscurecidos pela memória oficial. São vozes que comungam em sintonia, relatos que revelam uma cumplicidade entre pesquisado e pesquisador.

Por meio das memórias da Professora Cleide, faremos um percurso conjunto, costurando os relatos aos documentos que fomos identificando sobre a primeira escola do município de Bertioga, que até então era distrito de Santos, conforme registro no livro data em 1918. Porém, segundo informação obtida por uma senhora ex-moradora e aluna daquela localidade, o início da escola foi em 1911.

São os “lugares de memória”, expressão utilizada pelo historiador francês Pierre Nora (1993), que considera esses espaços importantes por integrarem a memória coletiva de um grupo. Esses espaços de relevância histórica evocam lembranças, sendo capazes de produzir sentimentos e sensações que fundamentam e explicam a realidade presente (TOMAZ, 2012).

Edificações, objetos, lugares fazem parte do patrimônio histórico e cultural material, entretanto, as sensações, emoções, lembranças e sentimentos que eles podem ocasionar, por fazer parte de cenário de algum momento vivido por aquele grupo social compõem o que denominamos de patrimônio imaterial que não é tangível, porém é sentido, orgânico e vivenciado. Esses espaços transformam-se em patrimônio cultural na proporção em que se começa a atribuir valor.

Para Martin (2001), essa atribuição de valor, não está centrada naquilo que representa no presente e que pode representar no futuro. Este valor está diretamente relacionado com a capacidade de informar sobre aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais de uma época. “A existência de um valor atribuído como justificativa da sua importância, cria-se um universo simbólico característico ao patrimônio cultural, onde o valor nacional é o seu cerne”. (FONSECA, 1997, p. 29-31).

Lembranças do passado quando visualizamos as edificações, ou caminhamos pelas ruas. São atos que fazem com que possamos resgatar memórias para a construção da história de uma cidade e das suas relações sociais, e como esclarece Halbwachs (2004, p.137) nos dias em que a história tem início a memória acaba. Já a memória, quando o grupo que dá suporte, físico e afetivo, acaba. Destaca-se o pensamento de Ferreira (2006) que além da origem jurídica do termo, aborda o sentido evocado ao termo patrimônio é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento.

Se os lugares propiciam as articulações sociais e culturais, ocorridas no cotidiano contribuindo para a formação da identidade podemos dizer que o passado, o sentimento de pertencimento, faz com que possamos escrever e reescrever o passado, juntando fragmentos e reorganizando-os fazendo com que essa história possa pertencer às próximas gerações. (NEHME, 2016)

A proposta desse artigo é trazer as lembranças e as memórias da trajetória profissional e pessoal da professora Cleide Negreiros no período em que lecionou na Vila de Itatinga entre 1970 e 1994. A estratégia da pesquisa desenvolvida fora revisão bibliográfica relacionando questões sobre memória, patrimônio cultural material e imaterial e identidade. Por meio da pesquisa participativa e do método da história oral, fora realizada a captação da narrativa, numa tentativa de preencher as lacunas de um passado que só pode ser conhecido pela memória. Desse modo, foi possível a reelaboração de fragmentos do passado para refletir sobre a vivência, a

sociabilidade, a construção de identidade das pessoas que moraram na Vila de Itatinga e que foram alunos da saudosa professora.

2 Conhecendo a Vila de Itatinga

Em 12 de junho de 1888, a Princesa Isabel, concede a Gefreé, Guinle & Cia, a concessão para operação do cais no Porto de Santos, nasce a Companhia Docas de Santos, responsáveis pela construção de 260 metros de cais cuja inauguração data-se de 02 de fevereiro de 1892.

No século XIX, com o ciclo do café, o Porto de Santos necessita de melhores condições de infraestrutura, que estão totalmente inadequadas para o transporte das safras destinadas majoritariamente às exportações. O uso de energia a vapor passa a ser dispendiosa para a empresa, havendo necessidade do uso de energia elétrica como força motriz e iluminação, ocasionando vantagens comerciais para a substituição da maneira de adquirir energia.

Assim, em 1903 a Companhia Docas de Santos – CDS, adquire a Fazenda Pelaes, para a construção de uma usina hidrelétrica própria e dar continuidade às obras do Porto de Santos. Em 1905 o Decreto 5.646 autoriza a construção da Usina Hidrelétrica de Itatinga, que terá a incumbência de gerar energia elétrica ao maior Porto da América Latina.

Inaugura-se em 1910, a Usina de Itatinga tendo capacidade de gerar 15.000 quilowatts, conjuntamente é inaugurada a Vila de Itatinga, com a finalidade de abrigar os funcionários que prestarão serviços operacionais e de manutenção na usina (NEHME, 2017).

A Vila de Itatinga, na parte que se concentra a “caixa de força”, possui 70 casas, cinema, armazém, padaria, clube social para práticas esportivas, posto médico, escola e a capela “Nossa Senhora da Conceição”. Todo esse conjunto arquitetônico, inclusive os portões, vitrais e peças mobiliárias da igreja, assim como seus técnicos e engenheiros vieram da Inglaterra especialmente para esse projeto. Esse ambiente, construído ao pé da montanha com rica floresta atlântica e ao lado do substancioso Rio Itatinga, propulsor da hidrelétrica, abrigou o corpo técnico e seus familiares com atividades culturais e sociais que garantiram boa qualidade de vida por quase um século. (LICHTI, 2002)

Situada no município de Bertioga, para se chegar a Vila é necessário atravessar o rio Itapanhaú de barco e, logo após, pegar um bonde para percorrer 07 quilômetros em direção à montanha, em percurso que é realizado por meio de uma pequena ferrovia cortando a Mata Atlântica. Nesse trajeto, cinco quilômetros antes do vilarejo, encontram-se ruínas do século XVI de uma capela portuguesa, construída pelos jesuítas com o auxílio dos índios itapanhunus.

E, apesar de sua importância histórica, não integra o complexo de Itatinga, nem em suas atividades culturais, e muito menos em seu processo produtivo. (LICHTI, 2002).

Em 10 de outubro de 2010, a Usina de Itatinga completou seu centenário e continua operando ininterruptamente fornecendo energia elétrica ao maior Porto do América Latina, o Porto de Santos. (FERNANDES, 2010). Porém, com o fim da concessão da Companhia Docas de Santos - CDS e os novos conceitos de administração empresarial impactaram a Vila de Itatinga, seus funcionários, que sempre estiveram ligados ao estado em carreiras públicas, foram sendo substituídos por trabalhadores ligados às empresas terceirizadas para a realização dos serviços. (NEHME, 2016).

No que se refere às casas da Vila e todo o complexo que atendia aos funcionários, foram sendo desativadas ou substituídas em suas funções e formas construtivas. Além do que, devido à ação do tempo, várias residências foram postas ao chão e construídos alojamentos para curta permanência que fogem à arquitetura da época.

Em 1918, inaugura-se a Escola de Ensino Fundamental, para atender os filhos dos operários, sendo uma das primeiras escolas dessas paragens, encerrando suas atividades em 1998. A comunidade da Vila de Itatinga em 1974, por meio do Sr. José Francisco Nemésio, ex-morador da Vila, realiza abaixo-assinado com os moradores de Itatinga, Jardim Rio da Praia, Indaiá, São Lourenço, Prainha Branca e outras localidades do Litoral Norte para a implantação do ensino de 2º. Grau – Fundamental II - em Bertiooga, que até a presente data não existia. Demonstrando assim, a importância que a comunidade da Vila possuía a respeito da educação. (SANTOS, 1975).

O aprendizado, a valorização da educação as lembranças e memórias adquiridas pelas pessoas que frequentaram esses bancos escolares ainda continuam vivas e ainda pertencentes a Vila. A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada (STERN, *apud* BOSI, 1994). Essas sensações de pertencimento é o que faz com que as pessoas se sintam realmente humanas, mesmo agindo como ser autônomo, isso ocorre porque se identificam como parte integrante de algo mais amplo, fazendo com que se sintam como parte de uma sociedade, grupo, ou classe, se sentindo instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986).

Os vínculos que os antigos moradores estabeleceram com a localidade nos processos iniciais de implantação, permanecem até o momento presente entre os descendentes. Foram duas gerações que cresceram no ambiente onde mantinham uma vida de trabalho, de lazer e de religiosidade. Essas práticas de convívio social, que envolviam os moradores da vila de Itatinga, foram os mecanismos produzidos para adaptação e funcionamento daquela pequena comunidade, moldando a vidas das pessoas e resultando em valores significativos para elas.

De acordo Anderson e Parker (1972, p.111) ao compartilhar experiências comuns as pessoas expressam necessidades e desejos, criam ideias e sentimentos semelhantes e participam de uma vida social comum; e é quando podem transmitir mensagens umas às outras através do espaço social e retê-las no tempo.

A construção da identidade está associada aos diversos sistemas de significação que o indivíduo obteve durante o seu convívio social sendo representações e sentimentos desenvolvido a respeito de si próprio, a partir do conjunto de suas vivências. (RODRIGUES, 2001, p. 145).

Por isso que a identidade é entendida como fenômeno social, que deriva dos significados que os sujeitos atribuem à sua integração com as outras pessoas durante a sua vida, quando o sujeito passa a ser influenciado pela cultura ou o grupo que está inserido possuindo o sentimento de pertencimento dizemos que o sujeito possui uma identidade cultural. Respeitar a formação da identidade, construída no decorrer de uma trajetória histórica e em constante reformulação resguardando valores partilhados pela mesma sociedade, é imperativo que necessita de uma atenção singular à Vila de Itatinga, e aos seus antigos moradores.

Essa ideia de relação é o que nos torna elementos da sociedade abrigando as práticas culturais coletivas, denominadas de patrimônio imaterial assegurada pela Constituição Federal de 1988 nos seus art. 215 e 216. Que por meio das narrativas a identidade coletiva permanece e sobrevive, sendo capaz de atravessar o tempo. Como menciona Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1993, p. 9)

Em virtude do que foi mencionado, a memória é um elemento essencial para suprir as necessidades sociais de um grupo existente e proporciona às futuras gerações oportunidades de conhecer as realidades das gerações anteriores.

Por esse aspecto, a memória não deve ser entendida como um dado, ou fonte de informação, por possuir além do fato ocorrido na vida da sociedade ela é transpassada por significados e valores, sendo assim imprescindível há necessidade de nos conscientizarmos em garantir as condições adequadas ao resgate dessas memórias por meio da proteção cultural material e imaterial.

3 A voz da professora da Vila

O presente artigo irá se debruçar sobre a narrativa da Professora Cleide Negreiros, a última docente contratada pela Companhia Docas do Estado de São Paulo – CODESP, sendo admitida em 05 de outubro de 1970 e se aposentando em 31 de maio de 1994.

Durante os vinte e quatro anos de magistério passaram por suas mãos centenas de crianças filhos dos trabalhadores da pequena Vila de Itatinga. Por meio da sua narrativa nos dedicaremos as práticas simbólicas que eram praticadas entre a escola e a vida das pessoas que ali residiam, favorecendo assim a memória e identidade da Vila de Itatinga.

Para Candau (2011) a partir da transmissão de memórias é que ocorre a aprendizagem sobre o mundo, a cultura de um grupo, que podem ser também entendidas como experiências do grupo.

“Aos três de outubro de 1970, chegara a Usina Hidrelétrica de Itatinga, era a segunda vez que empreendera esse percurso. Ao passar pelos trilhos uma criança chorara porque no próximo ano ela seria aluna de uma professora negra; aliás, um pai também dissera: A Companhia não viu quando mandou uma professora preta pra cá?”

Quando a professora inicia a sua jornada no magistério, na década de 70, na pequena Vila de Itatinga, é abordada por uma fala que reflete como aquele vilarejo encontrava-se estruturado, revelando os dados empíricos da realidade que a esperava.

Mulher, negra, com poder de fala na voz e na escrita, seria por suas mãos que seus filhos iriam conhecer o mundo, independente financeiramente, não era o perfil que predominava no Brasil, a professora fazia parte de um grupo historicamente vitimizado pela violência racista e pelo epistemicídio e pela exclusão (CARNEIRO, 2005).

Estaría ela realizando um processo de mudança social na pequena Vila, mesmo sendo lenta, foi gradual não apresentando problemas imediatos ou críticos que pudéssemos tomar consciência do processo (ANDERSON & PARKER, 1972). A sua caminhada foi processual e contínua sendo um instrumento de emancipação, tornando-se empoderada, que de acordo com Berth (2018,p.18), nos diz:

Fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. O empoderamento visa a estrada para contraposição fortalecida ao sistema dominante, a movimentação de indivíduos rumo ao empoderamento é bem-vinda, desde que não se desconecte de sua razão coletiva de ser.

Mesmo estando imersa as suas atividades como professora na pequena Vila, também auxiliava nas atividades de evangelização na Igreja Nossa Senhora Conceição em Itatinga, fora falar com o Bispo de Santos responsável pela igreja, Dom David, para que providenciasse um padre para celebrar as missas e assim passamos a celebração passou a ser em todos os segundos domingo do mês.

Alfabetizou mães de alunos que não tiveram oportunidade de estudar e aos sábados dava aula de iniciação de língua inglesa. A sua vida fora marcada em ensinar aos moradores que ali

habitavam. Para os seus ex-alunos ajudava nos exercícios de francês, não esquecendo a Matemática a qual estudava com eles para poder entender. Aos sábados depois das aulas de Inglês, a professora utilizava-se do bonde, do rebocador ou ônibus para visitar a sua família em Santos e à noite tinha aulas de violão, assim que aprendera as primeiras notas passou a transmitir aos alunos que desejavam aprender tocar o instrumento e assim alguns dos seus alunos passaram a dedilhar o instrumento com suas apresentações principalmente nas missas.

Exigente, a professora era impecável com o uniforme, unhas e cabelos, bem com a pronúncia dos nomes, na conjugação dos verbos e da tabuada. Escrevíamos e fazíamos desenhos para serem publicados no espaço infantil no Jornal “A Tribuna” de Santos, foram cartas para o Governador do Estado, Presidente da República, no qual seus alunos sugeriram trazer “AUTAM”, repelente contra insetos abundantes na Vila de Itatinga.

Em sua carta a professora menciona o quanto seus alunos se esmeravam, nas redações, reproduções, tabuadas, exercícios físicos, zelo e atenção aos colegas. Questionavam as pessoas ao escutar misturar o tu com você e ficava com receio quando alguém passava na escola para dar recado ou se passasse por ali e pronunciasse algo errado. Deduziu: *“Ou estas crianças são muito espertas ou estou exigindo demais delas”*. Determinada época, na segunda-feira só poderíamos conversar usando a 2ª pessoa. Que silêncio! E às sextas-feiras evitávamos pronunciar algo para que pudéssemos ser mais concentrados na realização das atividades, desenhos e redações para publicação.

Na primavera deixávamos flores nas portas das casas da Vila. Me recordo das brincadeiras, Toca do Coelho, do Futipano, do Macaco na Roda, dos À Direita 2, à esquerda dois, dos saltos à distância, além dos jogos de queimada.

Sei que nem tudo foram rosas durante a caminhada, mas, o desejo era acertar sempre. Nossa vida fora verdadeira troca. Aprendera com os nossos estudantes certas curiosidades, principalmente as bem pueris. Há algo que gostaria de deixar registrado a todos os ex-alunos, não deixo de orar por vocês, principalmente em datas especiais e alguns aniversários que ainda recordo. Quem nos separará do amor de Cristo?

Essas são algumas lembranças trazidas pela professora Cleide Negreiros, durante a sua trajetória pela Vila de Itatinga, como todo trabalhador que se aposenta na Vila precisa se retirar da localidade e assim ela o fez seguindo a sua vocação religiosa entrando para a Ordem dos Franciscanos, ficando presente na memória afetiva dos alunos, pela comunidade na qual era catequista, pelos seus ex-alunos que continuavam solicitando o seu auxílio nas demais atividades que ela se debruçava.

Suas atitudes e forma de comportamento modificaram as estruturas sociais que eram impostas há época, muitas meninas continuaram os seus estudos, não tendo o matrimônio como única opção, algumas escolheram o magistério como profissão tendo a professora como inspiração e formaram arquitetos, administradores, advogados, jornalistas e muitos outros que viram o conhecimento como possibilidades de oportunidade, ela fez com que pudéssemos enxergar a existência de um mundo além daquela pequena vila cravada no sopé da Serra do Mar, a instrução deixou de ser simplesmente para ter mão-de-obra qualificada para a empresa, passou a ser libertadora

Por meio da sua narrativa, a memória e lembranças trazidas revelou-nos o passado, percebesse por meio dessa história de vida o sentido de pertencimento que as pessoas possuem naquele grupo social. Encontra-se uma herança cultural, que nos traz informações sobre a história do local e como isso contribuiu para a formação da identidade, trazendo ligação entre o sujeito fortalecendo suas raízes.

As pessoas vivem essas narrativas e no seu contar se reafirmam, as histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.27).

As narrativas podem provocar mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. (SAHAGOFF, 2015). Nos demonstrando que o passado não está esquecido, e a memória está sendo capaz de preservar as informações, capacitando o sujeito a atualizá-las, eternizando a história na consciência humana. (LE GOFF, 1990)

4 Considerações finais

Como é bom encontrar com a pessoas que trabalharam, moraram, tiveram alguma vivência na Vila de Itatinga, as suas falas nos trazem memórias que nos faz acreditar que tudo aquilo que vivenciamos não acabou, para quem escuta pode parecer que a Vila de Itatinga com seu modo de vida, faz parte apenas de um imaginário, mas na realidade sabemos que ocorreu e que contribuiu para a formação de diversos sujeitos que tiveram a Vila de Itatinga como cenário.

É dolorido saber que muitos protagonistas dessas histórias já não estão mais próximos de nós, mas é confortante poder eternizá-los fazer com que suas práticas, falas contribuíssem para a formação de um grupo social, tornando-se referências fazendo parte do patrimônio imaterial, por isso é importante registrar vossas falas, narrar suas vidas mantendo-se vivos para as futuras gerações.

A Escola de Itatinga, não está mais em funcionamento, mas foi a primeira existente no município de Bertinga, bem como seus moradores realizaram o movimento para que fosse

implantado o segundo grau na cidade de Bertioga, então Distrito de Santos para que a educação pudesse ser continuada pelos seus filhos. Mentalidade diferenciada uma vez que a educação não era prioridade nas agendas públicas, mas para aquele grupo social, mesmo em total isolamento acreditavam que a educação poderia trazer um diferencial para o futuro dos seus filhos.

Assim sendo, este estudo teve como objetivo trazer as lembranças e as memórias da trajetória profissional e pessoal da professora Cleide Negreiros no período em que lecionou na Vila de Itatinga entre 1970 a 1994. Para isso conceitos como memória, identidade, patrimônio material e imaterial foram levantados para que pudéssemos fundamentar a pesquisa. Com isso observou-se que esses conceitos estão intrínsecos no cotidiano desses ex-moradores que a sua identidade foi construída com os valores, que lhe foram transmitidos por gerações, bem como foram reconstruídos quando conflitantes.

A narrativa da Professora Cleide Negreiros, nos demonstra como eram seus dias na sala de aula, como realizava suas atividades como catequista na Comunidade Nossa Senhora Conceição e nas suas demais atividades como alfabetizadoras de adultos, às aulas de francês e matemática, para aqueles que não estavam mais sobre a sua batuta e iniciação a língua inglesa e violão para seus alunos. Sua vida demonstrou a entrega na importância da educação e como o conhecimento é capaz de fazer com que mesmo isolados geograficamente o saber abre caminhos para o mundo.

Por isso a importância de registrar essas vidas, mesmo sendo uma localidade com quase 111 (cento e onze anos), possuindo importância, histórica e econômica ao país, as mãos que fizeram parte deste cenário poucos registros foram realizados, por isso devemos nos debruçar nas falas, registros por cartas dessas pessoas que carregam consigo a história de gerações de uma comunidade que luta para permanecer viva.

Como contribuição desse trabalho, acredita-se que o registro da narrativa da última professora contratada da empresa Companhia Docas do Estado de São Paulo – CODESP, aos moradores da Vila de Itatinga, sendo um patrimônio para a empresa no qual a colaboradora prestou os seus serviços e principalmente por fazer parte da memória afetiva de diversas crianças, hoje adultos que a tiveram como professora, transmissora de conhecimentos cognitivos, além de sociais, morais, bem como religiosos.

Sua fala, suas atitudes como servidora e moradora da Vila faz parte do patrimônio imaterial daquela localidade, da pequena escola que já não se encontra em funcionamento, mas ainda está viva na memória daqueles que a tiveram como protagonista. Espera-se que, a partir desses registros efetuados e apresentados nessa pesquisa, outras vozes possam ser ouvidas e

registradas para que possamos realizar um inventário desse patrimônio imaterial que o tempo está levando sem os devidos registros.

As principais dificuldades do presente trabalho foram em poder nos encontrar para registrar suas últimas falas, havia há necessidade de aguardar pela data do aniversário para que eu pudesse falar com ela e realizar algumas perguntas. As cartas já não mais retornavam, uma vez que não possuía residência física e sua morada era onde a Ordem dos Franciscanos a levavam. Selecionar suas falas também foi um dificultador, uma vez que a professora sempre foi muito falante. Também havia a dificuldade em não se envolver completamente com o estudo, sendo necessário um distanciamento para manter a objetividade da pesquisa

Apresentar apenas a narrativa da professora foi uma das limitações dessa pesquisa, acredito na valoração do objeto estudado se tivéssemos falas, depoimentos, entrevistas com seus ex-alunos e integrantes da comunidade religiosa na qual fazia parte, entretanto não nos foi possível, mas isso nos motiva a continuar pesquisando e registrar essas falas.

Na carta encaminhada a professora evitou citar nomes, registrou fatos sérios e pitorescos, todavia, aquilo que quis que registrasse lhe trouxe à lembrança muita saudade. Mencionou que não tivera tempo em escrever um livro sobre a sua experiência pessoal, espiritual e o tempo que dedicara à educação em uma localidade tão isolada, mas se regozijava em saber que uma ex-aluna estava se dedicando em elaborar uma obra inesquecível sobre os moradores da Vila de Itatinga.

No mês de abril desse ano aguardei pelo seu telefonema, não o recebera, pois a professora Cleide Negreiros encontrava-se hospitalizada vindo a falecer quatro dias depois de um tumor no intestino que se agravou e a levou a óbito. Inúmeras foram as manifestações de carinho e agradecimentos realizadas nas redes sociais. É nesse sentido que o conceito de patrimônio imaterial sai do abstrato e se concretiza em algumas pessoas que devem ser eternizadas na memória de sua gente e na história de seu país.

REFERÊNCIAS

ANDERSON e PARKESON. **Uma Introdução à Sociologia**. Segunda edição. Zahar Editores. 1972.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BOSI, E. (1994). **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

____, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CARNEIRO, S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COUTO, M. **Raiz de orvalho e outros poemas**. 3ª Ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

FERREIRA M. L. M. PATRIMÔNIO: DISCUTINDO ALGUNS CONCEITOS Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História [online] 2006, 10 () : [Date of reference: 13 / enero / 2016] Available in:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526866005>> ISSN 1415-9945

FERNANDES M. N. Itatinga 100 anos. Revista Especial 100 anos de Itatinga. Sistema A Tribuna de Comunicação, 2010.

FONSECA, M. C.L. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LICHTI, F.M. **Poliantéia de Bertioxa. (1531 – 2002) da colonização ao século XXI**. Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente – 1ª Edição – 2002.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. 2. ed. São Paulo: Ed Centauro, 2004.

MARTIN, M. **Sobre El necesario vínculo entre o patrimonio y La sociedad V**. In: Ciudad Virtual de Antropología Y Arqueología, Ciberspacio, 2001. Disponível em: [HTTP://www.naya.org.ar](http://www.naya.org.ar). Acesso em 19.05.2021.

NEHME, E.A.J. **A Festa de Nossa Senhora da Conceição na Vila de Itatinga (Bertioxa)**: Patrimônio Imaterial, identidade local e constituição de Políticas Públicas. Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas. Universidade de Mogi das Cruzes. 2016.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In.: Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história – Projeto história nº 10, PUC/SP, 1993.

RODRIGUES, J.E.R. **Patrimônio Cultural**: Análise de Alguns Aspectos Polêmicos. Revista de Direito Ambiental. Editora. Revista dos Tribunais. 2001

SAHAGOOFF, A.P. **Pesquisa Narrativa**: Uma metodologia para compreender a experiência humana. XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação – SEPesq – 19 a 23 de outubro de 2015.

SANTOS, P.M. DE. **Ofício nº 100.1975**. Referente ao Processo nº 17.761.1974.



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 765 de 806



SCRUTON, R. **Authority and allegiance.** In Donald. J. and Hal. S. (orgs). Politics and Ideology. Milton Keynes: Open University Press, 1986

TOMAZ, P.C. **A preservação do patrimônio histórico no Brasil e sua trajetória no Brasil.** Fênix Revista e História e Estudos Culturais. Vol. 7. ano VIII, nº 2. ISSN 1807-6971.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade:** uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.